

IMANÊNCIA E DEVIR-ANIMAL NA OBRA DE ALEXANDER MCQUEEN

Fabio Parode; Maximiliano Zapata; Ione Bentz

Resumo: este ensaio busca compreender a lógica de construção do sentido na obra de Alexander McQueen. Para enfrentar tal problema, aproximamos o campo da moda com o da filosofia, dentro da qual articulamos noções de estética, imanência, semiótica e design. Alexander McQueen com sua obra, questionou o processo de desenvolvimento sustentável do planeta. Aqui, iremos explorar de forma especulativa, o conjunto de conceitos e valores simbólicos presentes na sua obra para abordar a temática de fundo que é a deriva cultural e a mutação da espécie humana. No escopo deste ensaio, questionaremos qual é a matéria semiótica de McQueen quanto a sustentabilidade. O ensaio está organizado em quatro seções temáticas buscando responder aos conteúdos imanentes ao discurso de McQueen. As temáticas assim organizadas são: a imanência e o devir; o trágico e a deriva; o híbrido e o louco; sustentabilidade e crise.

Introdução

Atlântida é um dos mitos mais instigantes trazidos por Platão em seus diálogos filosóficos. Ele descreve uma cidade extraordinária, abundante, com uma organização social e política avançada, e em relação harmoniosa com a natureza. Platão enfatiza o equilíbrio e as condições de sustentabilidade de Atlântida: “a ilha produzia tudo em abundância, e, no que respeita aos animais, alimentava convenientemente os domesticados e os selvagens”.



Hieronymus Bosch. A nave dos loucos, Óleo sobre madeira, 57,8 x 32,5 cm. Paris, Museu do Louvre. Fonte: coleção Benedikt Taschen Verlag GmbH, 1991, p. 29. (PLATÃO, 2012, p.233).

Este mito é uma das referências utilizadas por McQueen. Em “Plato’s Atlantis” (Atlântida de Platão) McQueen, numa perspectiva de crise ambiental, gera grande impacto na produção do seu último desfile. Ele deixou em evidência a problemática do desenvolvimento sustentável e uma possível solução. Desafiando a natureza, inspirado nos processos evolutivos, ele propõe nas suas peças, uma combinação de elementos que se relacionam intrinsecamente com os de transmutação darwiniana: uma resposta aos problemas ecológicos contemporâneos? A transmutação nos processos de adaptação das espécies ao entorno é próprio da natureza, nesse sentido, a coleção de McQueen, se encontra repleta de signos, que nos serviram de amostra para dar continuidade ao nosso ensaio. Na segunda parte deste desfile, McQueen apresenta com a simbologia expressa de suas peças, a perda de uma condição de homem que domina a natureza, ou seja, a grande exposição de componentes que afetam de modo extremo o planeta, misturado com o nascimento de um ser híbrido. Ele se serve do mito grego das Nereidas, isto é, utiliza-se de figuras híbridas entre o humano e os peixes, lançando-se no paradigma evolutivo de adaptação das espécies.

No entanto, segundo o filósofo a ilha pereceu sob a fúria do mar em menos de um dia, sem deixar vestígios. Em “Plato’s Atlantis” (Atlântida de Platão) McQueen, questionando a crise ambiental gera grande impacto na produção do seu último desfile. Ele evidenciou a problemática do desenvolvimento sustentável. Desafiando os padrões da natureza e inspirado nos processos evolutivos, ele propõe, nas suas peças uma combinação de elementos que se relacionam intrinsecamente com a teoria da transmutação darwiniana, e consegue ilustrar de forma espetacular, a emergência de corpos mutantes.

Ainda na segunda parte deste desfile, McQueen apresenta uma simbologia expressa nas suas peças: a possível perda das condições de vida daquele que domina à natureza, ou seja, a grande exposição de componentes que estão supostamente afetando o equilíbrio ambiental do planeta. Assim, inspirado pelo mito de Atlântida, o estilista parte para um jogo de desconstrução das formas, ou seja, se valendo do mito, ele modifica as formas humanas, preparando suas modelos como verdadeiras ninfas-do-mar. Nas palavras de Lars:

“a moda é também, portanto, uma batalha constante para preencher o significado que está sendo gasto com crescente rapidez. Muitas vezes esses significados são preenchidos mediante referências ao mundo além da moda” (SVENDSEN, 2010 p.80-81).

Esta coleção de McQueen recupera a problemática ecológica, buscando adaptar seres míticos à realidade, fazendo uso de roupas extravagantes, penteados e

maquiagem futuristas, tudo isto para evidenciar a capacidade humana de se adaptar às condições do ambiente.

O apelo à natureza está presente nos sapatos criados por McQueen, mimetizando peles de animais, vegetação e corais. Com estas criações o estilista explorou novas texturas, cores e inovou na forma do sapato feminino, respondendo talvez a sua concepção de homem em processo de mutação. Fazem parte do chamado Armadillo Shoes, uma ruptura com os padrões clássicos de sapatos, onde a forma seguiria as linhas do corpo. Neste caso, a forma segue as linhas de um corpo mutante entre o mundo terrestre e o aquático.

No caso da face das modelos, o que fica em evidência é a mutação extrema que elas estão sofrendo, ou seja, a desconstrução da forma humana. Embora com a mutação realizada, os rasgos de humanidade ainda estão presentes nos modelos, mas a adaptação ao mundo marinho está em pleno processo. A volta para a Atlântida de Platão se instaura no imaginário do McQueen e ele o realiza no plano tangível. O estilista, no seu último desfile, experimenta o uso de novas texturas e formas. No caso das Ninfas-do-mar, os vestidos delas, possuem uma forma assimétrica em perfeita sincronização com o corpo feminino, as cores em tons diversos com vários gradientes de azul, um possível recurso de camuflagem para ficarem indistintas no alto mar. Além das formas volumosas expressarem o movimento d'água, os vestidos também apresentam uma gama de combinação entre as cores marinhas, texturas com esquemas de peixes e corais.

Após ter efetuado uma breve análise do desfile de McQueen, em especial a segunda parte, concluímos que a imagem de um ser híbrido é ponto focal da coleção. As combinações realizadas durante todo o desfile nos levam a pensar que o estilista estava considerando o surgimento de uma raça de super-homens capazes de se adaptarem à nova realidade. Este indício faz surgir uma nova incógnita: será que, enquanto sociedade, daremos conta da problemática ecológica, ou será necessário o surgimento de um novo homem para dar continuidade ao que possa restar da humanidade?

Considerações finais

Este ensaio teve como proposta discutir e refletir sobre a matéria semiótica do estilista inglês Alexander McQueen, ou seja, buscamos os significantes de seu discurso, suas referências e tentamos localizar as questões de fundo de sua obra.

A sustentabilidade aparece como uma de suas inquietações, assim como, o futuro da humanidade, da espécie enquanto ser distinto, levando-nos a questionar os limites da forma homem. Com o aporte da filosofia da imanência, da estética e do design, construímos um referencial teórico para tratar as questões suscitadas pela moda de McQueen, identificamos três eixos temáticos ao longo das nossas

análises e reflexões: a imanência e o devir; o trágico e à deriva; o híbrido e o louco, sendo a sustentabilidade e a crise, um tema transversal que aqui serviu-nos como substrato para o questionamento sobre a estética, a cultura e os devires do humano.

Identificando paralelos entre a estética do pintor inglês e McQueen, podemos explorar o universo de construção do sentido, buscando a lógica subjacente ao fluxo de desejo e aos agenciamentos de ambos os criadores. Por fim, a análise nos levou a identificar que a dinâmica de McQueen, na forma de espetáculo e estilo de moda, reservou não apenas uma crítica da modernidade tardia, mas também uma imagem do devir da humanidade.

Referências

DELEUZE, G. Francis Bacon, Logique de la sensation. Tome I, Paris, Éditions de la différence, 1981.

DELEUZE, G. O que é a filosofia? Trad. De Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Mille Plateaux: capitalisme et schizophrénie 2. Paris: Les éditions de minuit, 1980.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo, Ed. 34, 1995. LEROI-GOURHAN, A. Le geste et la parode. I. Technique et langage. Paris: Éditions Alain Michel, 1964.

PARODE, F. Arte como dispositivo de poder. In: ROCHA, A. BENTZ, I. (org.). Percursos semióticos: significação, codificação semiótica e interface. São Paulo, Editora Cazuá, 2012. PLATÃO. Timeu-Críticas. Coimbra: Editor Centro de estudos clássicos e humanitários, 2011.

SVENDSEN, L. Moda, uma filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010